

**VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho. O Trabalho no Século
XXI
Mudanças, impactos e perspectivas**

GT 06 - Subcontratación y organización de trabajadores precarios

**Título do trabalho- TRABALHO FORMAL E INFORMAL NAS INDÚSTRIAS
CERÂMICO-OLEIRAS EM IRANDUBA (AM)**

AUTORA-Hamida Assunção Pinheiro¹

CO-AUTOR – Antonio Carlos Witkoski²

¹ Docente do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Amazonas e Doutoranda em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas.

² Doutor em Sociologia, Docente do Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Amazonas e Docente dos Programas de Pós-Graduação em: Sociologia, Sociedade e Cultura na Amazônia e Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas.

TRABALHO FORMAL E INFORMAL NAS INDÚSTRIAS CERÂMICO- OLEIRAS EM IRANDUBA (AM)

RESUMO SIMPLES

Este artigo discute as relações de trabalho no contexto amazônico, tomando como base as indústrias cerâmico-oleiras do município de Iranduba, interior do Amazonas. As olarias se destacam na economia do Iranduba, ainda que existam outras formas produtivas sendo desenvolvidas, como a agricultura, a pecuária, o extrativismo e o comércio. No Amazonas existem 28 olarias, sendo que 14 localizam-se em Iranduba. A investigação adota perspectiva qualitativa empregando como instrumento de coleta de dados o roteiro de entrevista semiestruturada, o diário de campo e os registros fotográficos. A pesquisa tem evidenciado que os trabalhadores oleiros, tanto formais como informais, estão submetidos à precárias relações de trabalho, caracterizando-se por longas jornadas, baixos salários e ambientes insalubres. Outra evidência é que os trabalhadores tem praticado cada vez menos a agricultura e a pesca.

OBJETO

A indústria cerâmico-oleira no Amazonas está bastante concentrada no município de Iranduba. Conforme informações da Associação dos Ceramistas do Estado do Amazonas – ACERAM, existem 28 indústrias em todo o Estado, sendo que 14 estão em Iranduba, 9 em Manacapuru, 1 em Novo Airão, 1 em Tefé, 1 em Itacoatiara, 1 em Tabatinga e 1 em Parintins. O Polo cerâmico-oleiro do Estado é formado pelos municípios de Iranduba e Manacapuru, mas neste artigo o objetivo é dar destaque somente aos trabalhadores de Iranduba, pois este agrupa a maior parte das indústrias.

Iranduba é conhecido como o principal município produtor de artigos cerâmicos, com destaque para o tijolo de 8 furos. Os tijolos, telhas e blocos cerâmicos produzidos em Iranduba são trazidos para a venda na capital do Estado. É pertinente salientar que, o município de Iranduba localiza-se nas proximidades da cidade de Manaus, capital do Amazonas, separando-se apenas pela Ponte Rio Negro. Atualmente, os produtos da indústria cerâmico-oleira chegam a Manaus por via terrestre, embarcados em caminhões.

No âmbito do trabalho, a atividade oleira representa um ramo importante para a economia do município e para a reprodução da vida dos moradores. É através do trabalho nas indústrias cerâmico-oleiras que muitos homens e mulheres garantem o sustento da família. Em alguns casos pode significar a única forma de trabalho desenvolvida pela família, enquanto que em outros, é realizada em conjunto com outras atividades, como por exemplo: a pesca, agricultura e a criação de pequenos animais.

O processo produtivo da indústria cerâmico-oleira é composto por diversas atividades exercidas por variados grupos de trabalhadores, alguns formais e outros tantos informais. No que diz respeito ao universo dos trabalhadores oleiros em Iranduba é necessário destacar que nos dois últimos censos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, respectivamente nos anos de 2000 e 2010, os trabalhadores oleiros foram pulverizados em diversas formas de trabalho/ocupação, o que dificulta um pouco o conhecimento do tamanho do universo de trabalhadores no ramo. Com base em análises de planilhas do IBGE, têm-se um número aproximado de 1.093 trabalhadores oleiros no município de Iranduba em 2010. É pertinente destacar que neste número podem estar inclusos trabalhadores formais e informais, uma vez que o órgão censitário questiona apenas qual a ocupação principal do trabalhador. Vale ainda enfatizar uma particularidade deste universo de trabalhadores, a de que nem sempre

consideram a atividade oleira como sua principal ocupação, uma vez que é comum a prática de diversas atividades simultâneas para garantir a sobrevivência.

Conforme dados do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Oleira de Manaus e Iranduba, existem cerca de 600 (seiscentos) trabalhadores oleiros sindicalizados, dos quais a expressiva maioria trabalham em Iranduba, tendo em vista que em Manaus só há duas olarias, que juntas não chegam a somar 20 empregados. Os trabalhadores sindicalizado são aqueles formais. Todavia, como a sindicalização não é obrigatória, entende-se que há um número maior de trabalhadores formais do que o total de sindicalizados.

O número total de trabalhadores em Iranduba, abrangendo os formais e os informais é bastante impreciso, principalmente se considerarmos a alta rotatividade característica do setor oleiro. O ritmo da produção sofre interferências das condições climáticas, principalmente do movimento de descida e subida das águas do rio. O Sindicato da Indústria de Olaria do Estado do Amazonas estima que em Iranduba e Manacapuru no ano de 2012 existam cerca de 3.500 (três mil e quinhentos) trabalhadores diretos, que podem ser formais e informais.

O trabalho formal, segundo Pochmann (2001), é aquele reconhecido como melhor tipo de ocupação em termos de qualidade e de remuneração se comparado ao emprego informal, corresponde às ocupações com vínculo empregatício que permitem o acesso aos direitos trabalhistas, tais como: piso salarial, direito a férias, décimo terceiro, salário família, licença maternidade/paternidade, auxílio-doença, aposentadoria, entre outros. Os empregos formais são os que atendem os direitos estabelecidos na Consolidação das Leis Trabalhistas – CLT, na Constituição Federal de 1988 e nas demais legislações trabalhistas vigentes.

O autor alerta ainda que, apesar de garantir direitos, o trabalho formal também pode ser permeado de insegurança e instabilidade, sobretudo se considerarmos a conjuntura brasileira de reestruturação produtiva e flexibilização das relações de trabalho a partir dos anos de 1990. Acrescenta ainda que, mesmo em períodos de maior crescimento quantitativo de empregos formais, isto não significou uma melhora significativa das condições de vida dos trabalhadores brasileiros, tendo em vista que, historicamente a grande massa de trabalhadores tem sido mal remunerada e, por conseguinte, possuem difíceis condições de vida.

O trabalho informal é marcado pela precariedade mais acentuada, não assegura proteções trabalhistas, podendo ainda ser marcado pela descontinuidade. A informalidade é um processo que sempre ocorreu, mas a partir dos anos de 1990 tem se tornado cada vez mais expressiva no Brasil, o que vem contribuindo para o aumento das desigualdades sociais entre a classe trabalhadora e a classe dominante. O trabalho informal configura-se como uma estratégia de sobrevivência adotada por quem não consegue adentrar no mercado formal de trabalho. Também pode ser chamado de desemprego invisível, uma vez que a condição de informal retira o trabalhador do desemprego aberto, ainda que momentaneamente (POCHMANN, 2011).

É preciso deixar claro que a atividade cerâmico-oleira, como toda e qualquer atividade industrial gera trabalho formal e informal, que podem também ser diretos e indiretos. Os trabalhadores diretos são os que estão exercendo atividades ligadas diretamente ao processo produtivo dos artefatos cerâmicos, tanto nas instalações industriais ou no âmbito da argileira. A argileira é o terreno de onde se retira a argila ou barro, área esta que pode ser localizada próximo ou distante da indústria.

No rol dos trabalhadores oleiros diretos, destaca-se: o operador da escavadeira/trator/pá-mecânica/caçamba, que faz a retirada e o transporte da argila até à indústria; o operador da mesa de comando e do misturador, que controla o ritmo das esteiras e a quantidade de água que deve umedecer a argila no momento da confecção do produto; os carregadores que puxam e empurram os carrinhos/vagonetes com tijolos crus para o secador e depois de seco para o forno; os enfornadores/desenfornadores que enchem e esvaziam os fornos; os forneiros ou queimadores, que são responsáveis por assistir o cozimento do material e controlar os fornos em funcionamento etc.

Os trabalhadores indiretos são os que exercem atividades complementares ao processo produtivo, como por exemplo: os eletricitas e mecânicos que efetuam instalação e manutenção das máquinas, os motoristas e ajudantes dos caminhões que transportam o tijolo para Manaus, os cortadores de lenha que preparam-na e vendem-na para o empresário da indústria cerâmico-oleira, dentre outros.

OBJETIVO

- ✓ Discutir as relações de trabalho dos oleiros das indústrias cerâmico-oleiras em Iranduba/Amazonas e suas consequências para vida das famílias.

METODOLOGIA

O presente artigo é fruto de dados e reflexões preliminares que estão sendo realizadas para um trabalho de tese vinculado ao programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia-PPGCASA da Universidade Federal do Amazonas. A pesquisa pauta-se numa perspectiva qualitativa, utilizando-se de roteiro de entrevista semiestruturada para obtenção de dados primários, do diário de campo e dos registros fotográficos.

Estão sendo realizadas entrevistas semiestruturadas junto aos trabalhadores, ex-trabalhadores, líderes sindicais, diretores da Associação dos Ceramistas do Estado do Amazonas e do Sindicato das Indústrias de Olarias do Estado do Amazonas. Além disso, estão sendo realizadas visitas em várias indústrias cerâmico-oleiras, bem como em suas argileiras, para a observação direta das particularidades do trabalho oleiro. A pesquisa faz uso também de dados secundários, como por exemplo, informações estatísticas, relatórios oficiais, notícias de jornal impresso e mídia eletrônica etc.

RESULTADOS

A atividade cerâmico-oleira faz parte da realidade do município de Iranduba desde sua origem. O município foi criado oficialmente em 1981, mas o local foi uma colônia de exploração agrícola instituída pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA em 1946 com a finalidade de abastecer a cidade de Manaus.

Na atualidade, a indústria cerâmico-oleira é responsável pela geração de receitas para o município e pela criação de muitos postos de trabalho, tendo portanto um papel fundamental para seus habitantes. As indústrias cerâmico-oleiras marcam não só a economia, mas o trabalho e a própria vida dos moradores de Iranduba. Mesmo considerando tamanha importância socioeconômica do ramo cerâmico-oleiro, não se pode ignorar que esta atividade se caracteriza pelo trabalho em ambientes insalubres, longas jornadas, baixos salários, informalidade etc, o que tem resultado na precarização das condições de vida dos trabalhadores.

Os trabalhadores oleiros de Iranduba vivem em condições de pobreza e passam por muitas necessidades: falta de habitações dignas, inexistência de saneamento básico, dificuldades de acesso aos equipamentos de saúde, escolas públicas sucateadas, entre outras. Esta realidade se conecta ao universo mais amplo que estrutura o sistema

capitalista de produção. Os trabalhadores oleiros estão inseridos na economia de mercado e, decorrente disso, são afetados pela reconfiguração das relações de trabalho. A precarização do trabalho não é uma particularidade das indústrias cerâmico-oleiras em Iranduba. Ela faz parte da lógica macroeconômica, que pretendendo aumentar os lucros, restringe os direitos trabalhistas e flexibiliza as relações de trabalho, reforçando assim índices de pobreza jamais vistos no mundo.

BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL

ALVES, Giovanni. **A condição de proletariado:** a precarização do trabalho no capitalismo global. Londrina: Práxis; Bauru: Canal 6, 2009.

CHAVES, Maria do Céu Câmara. **Iranduba: ribeirinhos na travessia produzida** – análise de um projeto de Estado para populações rurais no Estado do Amazonas. Dissertação (mestrado)-Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1990.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental:** sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 6 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. **Ecologia, capital e cultura:** a territorialização da racionalidade ambiental. Tradução de Jorge E. Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MARX, Karl. **O Capital:** crítica da economia política. Tradução de Reginaldo Sant'Ana. 20ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, l. 1, v 1, 2002.

POCHMANN, Márcio. **A metrópole do trabalho.** São Paulo: Brasiliense, 2001.

SADER, Emir (org.). **Sete pecados do capital.** 3 ed. São Paulo: Editora Record, 2000.